

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
NOS 25 ANOS DA AIP  
A CINEMATECA COM A ASSOCIAÇÃO DE IMAGEM PORTUGUESA  
15 de dezembro de 2023**

**O FIM DO MUNDO / 2019**

*Um filme de Basil da Cunha*

*Realização:* Basil da Cunha / *Argumento:* Basil da Cunha, Saadi, com a colaboração de Martin Drouot / *Montagem:* Basil da Cunha, Jean Reusser, Kostas Makrinos, Inês Garcia Marques, Irina Lobo Fortuna / *Assistência à Montagem:* Renata Sancho, Joana Góis / *Direção de Fotografia:* Basil da Cunha, Rui Xavier / *Som:* Henri Maikoff, Ricardo Leal / *Montagem de Som:* Adrien Kessler / *Mistura de Som:* Adrien Kessler, Denis Séchaud / *Decoração e Guarda-roupa:* Nádia Henrique / *Assistência de Realização:* Patrick Mendes (1.º Assistente), Diogo Allen (2.º Assistente) / *Direção de Atores:* Pedro Diniz/Machine / *Anotação:* Inês Garcia Marques / *Casting:* Basil da Cunha, José Milton Moreira/Litos, Pedro Diniz/Machine / *Chefia de Produção Local Reboleira:* José Milton Moreira/Litos / *Chefia de Produção:* João Niza / *Produção Executiva:* Susana Nobre (Terratreme Filmes) / *Direção de Produção:* Joana Bravo / *Direção de Produção (Suíça):* Julien Rouyet, Kaspar Schiltknecht / *Produção:* Julien Rouyet (Thera Production) / *Produção Associada:* Kaspar Schiltknecht / *Interpretações:* Michael Spencer, Marco Joel Fernandes, Alexandre da Costa Fonseca, Iara Cardoso, Luísa Martins dos Santos, Carlos Fonseca, Manuel Delgado dos Santos, Maria Adelaide Santos, Nhunha Gomes, Susana Costa, Adriano Martins, Paulo Mendes Lopes/Toni, Milton Tavares Correia, Fabio Levy, José Monteiro Moreira, Albertina Barbosa, Pedro Mota da Silva, Vera Semedo, Andreia Cena, Suzi Andrade, Hugo Barro/Kopa, Toni Fonseca, Telma Varela, Danilo Gomes/Danilo G, Diana Tavares, João Lopes/Dups, Zheng Dalei / *Cópia:* DCP, a cores, falado em crioulo e português, com legendas em português / *Duração:* 104 minutos / *Estreia Mundial:* 13 de agosto de 2019, Locarno Film Festival, Suíça / *Estreia Nacional:* 17 de setembro de 2020 / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Com as presenças de Basil da Cunha e Rui Xavier.

\*\*\*

Não incorreremos em nenhum excesso se dissermos que o realizador suíço de origem portuguesa, Basil da Cunha, se empenha de corpo e alma num dos projetos mais interessantes do cinema contemporâneo. A primeira tentação será gastarmos mais palavras a descrever o processo do que o resultado obtido *on screen*. Porém, **O Fim do Mundo** é só a segunda longa-metragem do cineasta (lançada quase sete anos após **Até Ver a Luz** [2013]), pelo que ainda vamos ceder, aqui, às tentações fáceis perante um método tão frágil e arriscado, mas também tão humanamente rico, socialmente relevante e cinematograficamente poderoso. Ao mesmo tempo, também quero crer que aqui o filme *é mesmo* o processo: uma emanção direta da comunidade que vive na Reboleira, esse “fim do mundo” *tão perto de nós*, e ao mesmo tempo uma aproximação a géneros populares, pouco ou mal trabalhados no cinema português, tais como o *gangster movie* (mais **Menace II Society** [1993], dos irmãos Hughes, do que **The Public Enemy** [1931], de William A. Wellman) ou o filme de samurais (tanto **Yôjinbô** [1961], de Akira Kurosawa, quanto **Ghost Dog: The Way of the Samurai** [1999], de Jim Jarmusch). Após um longo período a cumprir pena numa Casa de Correção, Spira regressa ao seu bairro para retomar velhas amizades e rapidamente se inteirar das novidades, dando conta do processo de demolição em curso, de um problema sério com o lixo acumulado nas ruas e de crescentes tensões entre famílias, vizinhos e grupos rivais. Ao mesmo tempo que se parece precipitar, mais uma vez, para o mundo do crime, Spira busca

uma solução para a sua vida, nomeadamente na companhia de Iara, rapariga tímida que lhe conquistou o coração. Não se trata de uma conformação ao cinema do mundo encontrado por Basil da Cunha nos subúrbios de Lisboa, mas, bem pelo contrário, de um contrato baseado numa absoluta cumplicidade e envolvimento, em que a estrutura narrativa e alguma iconografia oferecida pelos géneros populares servem de filtro para deixar escorrer a realidade de todos os dias, em todas as suas dificuldades (“Aqui não há miséria, só há dificuldades”, costuma dizer-se na Reboleira), mas não excluindo, bem pelo contrário, o espírito festivo, quase “carnavalesco”, da vida levada nos entornos da capital.

As pessoas da Reboleira não trabalham *para* Basil da Cunha, elas trabalham *com ele*, em evidente entrega e devoção por uma mesma grande causa: não a denúncia *per se*, mas o cinema em todas as suas possibilidades. A missão do filme traduz a vontade de, em conjunto, se fazer uma obra que permita contar a história daquele lugar e daquelas pessoas, *mas não só*. Aliás, o principal erro, se quisermos continuar a falar, acima de tudo, do processo *que é o filme*, será vermos Basil da Cunha como muitos críticos e académicos veem Jean Rouch: muito simplesmente, um realizador de documentários antropológicos ou etnoficcionais. Como o próprio explicou, em entrevista concedida ao *website À pala de Walsh*: “Quero que os meus amigos na Suíça gostem dos meus filmes. Mas quero é que o meu pai, que adora Clint Eastwood, vá ver os meus filmes e goste. Mas também quero que o IndieLisboa goste. E quando o pessoal vai à antestreia, quero pôr toda a gente a rir. E toda a gente a chorar. É uma ambição que eu tenho. E para isso não vou fazer planos sequência de 30 minutos.” Trabalhar para as suas gentes significa também, ou antes de tudo, fazer um filme que eles possam apreciar e aí os códigos do cinema de género afiguram-se providenciais.

Há um humor *deadpan*, às vezes absurdo ou feérico (*vide* a curta-metragem **Nuvem** [2011]), e cultiva-se um certo prazer pelo encontro e pela confraternização que lembra cineastas como Aki Kaurismäki ou Jim Jarmusch, mas as narrativas, de amor, de vingança e de redenção, devem muito aos géneros mais populares e de grande efeito. Se há humor, também encontramos um sentido épico que, no fim, radica nas pessoas, nos seus não-atores, intensamente seguidos e retratados pela câmara. Eles que, de maneira livre e espontânea, levam a vida na, apelidada no filme, “capital do *stress*”; eles que *resistem* a adversidades várias, desde logo, ao cerco montado pela pobreza ou pelo “cheiro a lixo”, o mesmo que faz Spira cometer um ato irrefletido, desencadeador de uma série trágica de acontecimentos na sua vida e na vida do bairro. A pobreza é talvez o mais visível dos vilões das suas histórias, mas acaba por ser relativamente pouco “enunciado”, pois nada aqui é retórico ou panfletário ou tampouco se deixa subjugar a demonstrações políticas. Dito de outro modo, tudo aqui contraria a lógica simples de exposição e exploração do cenário humano encontrado.

Veja-se o belíssimo friso de rostos final, filmado na perspetiva do carro funerário onde segue a principal vítima do fogo posto por Spira para acabar com os maus cheiros. Uma maneira de fechar esta história cheia de rostos e narrativas bem reais com uma espécie de carta de amor endereçada pelo realizador a cada uma destas pessoas, como quem diz, bem de dentro, que este filme não é só feito com elas, é feito, também, para elas, “delas para elas”, aparecendo, enfim, Basil da Cunha como um justo mediador, capaz de tornar “fins” em “princípios”. Um atento e sensível intermediário entre mundos, pondo à frente de tudo a fonte originária – e original – da sua arte: as pessoas, sempre elas.

Luís Mendonça